

MULHER, MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: uma roda de conversa com mães acadêmicas de administração

ERICKA LOANNE FERREIRA DOS SANTOS COSTA SILVA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)

JOSÉ KENNEDY LOPES SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)

JOSÉ EDEMIR DA SILVA ANJO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

MARIA DENISE NUNES RODRIGUES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

INTRODUÇÃO

É notório observar os avanços das mulheres como sujeito de direito. Existe uma jornada histórica de ações para essas conquistas em contextos nos quais imperavam a masculinidade, à mulher era negado os direitos à escolaridade, ao voto e ao poder de fala. Restava se dedicar apenas ao lar e aos filhos (DIEKMANN SHENKE; SALLES; BARCELLOS, 2023; PESSANHA; 2023)

O interesse por essa temática se dá a partir da realidade de uma das autoras ao tentar conciliar o trabalho fora de casa, o doméstico, a condição de esposa e a vida acadêmica. Isso a fez observar as suas colegas da faculdade, principalmente as que são mães porque, além de todas as funções que são tradicionalmente atribuídas à responsabilidade da mulher, há ainda a materna. Guimarães *et. al.* (2023) ao discorrerem sobre a exaustão das mulheres dentro da academia e ciência relatam sobre as dificuldades impostas as mulheres em relação as suas condições de trabalho para realizar as atividades acadêmicas e de produção científica. Assim, as mães ao ingressarem na universidade necessitam de atendimento e apoio para que possam permanecer e concluir seus estudos adequadamente.

A maternidade é uma característica que se relaciona com várias relações de sujeitos e que ainda não é devidamente estudada numa perspectiva feminista tanto na Academia quanto ao Trabalho. Os estudos sobre maternidade são incipientes na perspectiva da vida acadêmica e do mercado de trabalho (SILVA; CARMO; CAPPELLE, 2023; DIEKMANN SHENKE; SALLES; BARCELLOS, 2023). Pessanha (2023) busca compreender como as mães estudantes lidam com os desafios da maternidade durante a graduação. Já esta pesquisa analisa como é a trajetória acadêmica das mães estudantes da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) do campus de Vilhena-RO, no curso de Administração, tendo em vista compreender como conciliam a maternidade, o trabalho e os relacionamentos sociais frente às exigências das atividades acadêmicas. Para isso, realizou-se uma pesquisa com grupo focal (GF) com as mães estudantes do referido curso.

O estudo apresenta-se em cinco seções, i) esta introdução, ii) discussão sobre maternidade e educação na fundamentação teórica; iii) apresenta-se os procedimentos metodológicos iv) a análise dos dados coletados a partir da pesquisa feita no campus UNIR-Vilhena; e por fim, v) são apresentadas as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando o assunto é a maternidade, percebe-se uma dinâmica marcada por traços machistas e patriarcais que atribuem à mãe uma responsabilidade exclusiva pelo cuidado das crianças o que as prejudicam no mercado de trabalho (NARDES; GALLON; RECH, 2022). Paula, Sanches e Rosaneli (2024) ao pesquisar sobre a escolha e condições da maternidade afirmam que as mulheres assumem maiores responsabilidades, assim, o universo feminino convive, desde cedo, com a subjetivação feminina referenciada pela maternidade. Ao longo dos séculos, a sociedade colocou sobre as mulheres a responsabilidade central de serem as cuidadoras, mantendo a expectativa de que a maternidade fosse uma realização crucial. Entretanto, essa expectativa muitas vezes entrou em conflito com a busca das mulheres por uma identidade própria e um propósito para além do âmbito familiar (DIEKMANN SHENKE; SALLES; BARCELLOS, 2023).

Desse modo, compreende-se uma cobrança intensa sobre as mulheres em relação a seu papel na sociedade como ser uma boa companheira, mãe, estudante e profissional. Com base nessa pressão sociocultural advinda do Patriarcado, fugir dessa perspectiva significa fugir de um padrão, o que pode gerar sérios problemas emocionais, culminando com a depressão. A trajetória da maternidade está intrinsecamente ligada à história das mulheres. Ao longo dos séculos, a sociedade colocou sobre as mulheres a responsabilidade central de serem as

cuidadoras, mantendo a expectativa de que a maternidade fosse uma realização crucial (Costa, 2023). Entretanto, essa expectativa muitas vezes entrou em conflito com a busca das mulheres por uma identidade própria e um propósito para além do âmbito familiar.

A gravidez é um dos motivos que mais afastam as jovens brasileiras dos estudos, conforme uma pesquisa de 2013, realizada em parceria com Ministério da Educação, a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências (FLACSO) (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015). A vivência da maternidade na vida de mulheres pode acarretar na carreira acadêmica uma série de dificuldades, especialmente aquelas relacionadas a divisão de gênero e ao processo de conciliação entre a maternidade e a vida acadêmica, o que já não ocorre na mesma proporção para os homens (GUIMARÃES *et al.*, 2023).

Atender às demandas da maternidade aumenta o complexo desafio que mulheres estudantes e ou trabalhadoras enfrentam, sendo considerado um acontecimento crítico (COSTA *et al.*, 2023; VIEIRA; SOUZA; ROCHA, 2019). O contraste social dessa tripla jornada afeta ainda mais mulheres negras (NUNES; GIVIGI, 2023). Destarte, a carência de estudos sobre essa temática limita avanços na discussão, como o caso de ações e políticas públicas, mesmo que garantidas por lei, como o caso da licença maternidade (VIEIRA; SOUZA; ROCHA, 2019).

Desse modo, entende-se que as mulheres enfrentam uma enorme pressão em relação à suas expectativas da sociedade sobre seu papel, como ser boa mãe, esposa, e dona de casa. Essa cobrança sociocultural faz com que, ao não atender a esse padrão, elas possam sentir-se à margem, o que pode ocasionar sérios conflitos emocionais. Com a maternidade, as mulheres enfrentam pressões sociais contraditórias, frequentemente traz consigo desafios emocionais, psicológicos e sociais, onde esperam ser mães exemplares. Muitas vezes, entram em conflito com a busca por pessoas e profissionais. Sendo assim, a experiência materna pode ser repleta de conflitos internos, pressões externas e julgamentos sociais (HAYS, 1996).

No que diz respeito à educação, foi apenas em 1961, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), que se garantiu a equivalência de todos os cursos de grau médio, permitindo que as mulheres pudessem ingressar nos vestibulares. Assim, a partir dos anos 1960, as mulheres brasileiras passaram a ter maiores oportunidades de ingresso na universidade, e nos anos 1970, modernizaram-se uma reversão do hiato de gênero no ensino superior (BELTRÃO; ALVES, 2009).

O movimento feminista alcançou avanços, especialmente no que diz respeito à educação e à inclusão das mulheres no mercado de trabalho, fato este comprova-se pelo crescente aumento de mulheres matriculadas em cursos de ensino superior (PESSANHA, 2023). No entanto, é comum observar, em nossa sociedade, a sobrecarga da dupla ou tripla jornada de trabalho, enfrentada por mulheres que têm filhos e parceiros, pois além de suas responsabilidades profissionais, também assumem os afazeres domésticos, o que pode impactar na sua saúde e na qualidade de vida como um todo (SILVA; CARMO; CAPPELLE, 2023). Para Souza e Ferraz (2023), as mudanças relacionadas as dinâmicas de reprodução e produção no mercado de trabalho configuram num processo de maior exploração e exaustam sobre as mulheres.

Conforme as perspectivas de gênero, as discrepâncias nos níveis educacionais não são resultado de características biológicas, mas sim, das condições históricas e estruturais da organização social de cada sociedade (LOURO, 1997). Tradicionalmente, quase todos os países do mundo apresentam obstáculos para o acesso das mulheres à educação. De acordo com Beltrão e Alves (2019), a reversão da disparidade de gênero na educação representa uma das conquistas mais significativas das mulheres brasileiras no último século. No entanto, esse avanço ainda não eliminou por completo a desigualdade de gênero em outras esferas, como o mercado de trabalho, acesso à renda, propriedade e representação política.

Com isso, as discussões sobre as várias jornadas de atividades são importantes não só por serem atuais, mas também pelo progresso conquistado pelas tecnologias, as alterações socioeconômicas, as desigualdades sociais que originaram alterações nas organizações familiares, à entrada da mulher no mercado mais permanente e, dessa forma, a necessidade de formação a longo prazo. A tripla jornada é avançar numa discussão onde existe a necessidade de garantir os direitos da cidadania, do bem-estar e do desenvolvimento profissional e pessoal das mulheres (PIRROLAS; CORREIA, 2020).

Desse modo, compreende-se que apesar dos avanços em áreas como educação e igualdade de gênero, as mulheres ainda enfrentam grandes desafios, como a sobrecarga de tarefas e as limitações do mercado do trabalho, o que prejudica sua saúde emocional e impede seu pleno desenvolvimento pessoal e profissional.

METODOLOGIA

Foi realizado um grupo focal com as mães universitárias da UNIR, Campus Vilhena do curso de Administração, constituído por mulheres que engravidaram durante a graduação e/ou com filhos de 0 até 15 anos e que atuam no mercado de trabalho. Estes critérios foram estabelecidos pelo entendimento que nestas faixas etárias as crianças exigem cuidados e tutoria direta para organização de sua vida.

A técnica do Grupo Focal (GF) foi empregada na coleta de dados (ver Quadro 1), dada a sua capacidade de explorar significados e representações de forma mais aprofundada em comparação com os questionários e as entrevistas individuais (SILVA-JÚNIOR; SILVA; MESQUITA, 2014).

Antes da realização do GF foi informado às participantes o sigilo das informações fornecidas e objetivos da pesquisa para que elas dessem o consentimento em participar do estudo, para isto foram criados nomes fictícios de mulheres que tiveram papel essencial na sociedade.

O GF foi realizado em uma sala reservada na Unir Campus-Vilhena o que possibilitou desenvolver o encontro sem interferências externas. As mães que se enquadravam no perfil da pesquisa, tendo como critério ter filho até com até 15 anos de idade ou ter engravidado durante a graduação. Foi realizado o convite nas salas de aulas e foi enviado um formulário *online* em busca de informações sociodemográficas para além dos critérios estabelecidos. Das 23 mães que foram mapeadas no curso, 18 foram possíveis manter contatos pelo formulário e por aplicativos de mensagens, sendo que 17 foram ao GF, apenas uma não participou devido a problemas de saúde do seu filho na data marcada da coleta de dados.

Quadro 1: Síntese das informações das participantes

NOME	PROFISSÃO	CARACTERÍSTICAS
Rosa	Sócia/Gerente	34 anos, branca, união estável, possui 2 filhos(as), com idades de 14 e 12 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 20 anos. Renda familiar mensal de mais cinco salários-mínimos, não possui rede de apoio, esposo que cuida do(as) filho(as) para vir à faculdade.
Anne	Atendente	37 anos, parda, união estável, possui 3 filhos(as), com idades de 20, 18 e 14. Teve seu primeiro filho(a) aos 19 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Possui rede de apoio e alguém que cuida dos(as) filhos(as) para vir à faculdade.
Catarina	Pintora em construções civis	41 anos, negra, solteira, possui 1 filho(a), com idade de 12 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 29 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Possui rede de apoio e alguém que cuida do(a) filho (a) para vir à faculdade.
Valentina	Analista de crédito	32 anos, branca, casada, possui 1 filho(a), com idade de 8 meses. Teve seu primeiro filho(a) aos 31 anos. Renda familiar mensal 4 a 5 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e não possui alguém que cuide do(a) filho(a) para vir à faculdade.
Cecília	Auxiliar de cobranças e cadastro	35 anos, branca, solteira, possui 1 filho(a), com idade de 10 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 25 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e seus pais que cuidam do(a) filho(a) para vir à faculdade.
Ana	Dona de casa	41 anos, parda, união estável, possui 1 filho (a), com idade 10 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 30 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e o esposo que cuida do(a) filho(a) para vir à faculdade.

Tarsila	Vendedora	37 anos, parda, solteira, possui 3 filhos (as), com idades, 13,11 e 1 ano. Teve seu primeiro filho(a) aos 24 anos. Renda familiar mensal 3 a 4 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e alguém que cuida do(as) filho(as) para vir à faculdade.
Elizabeth	Assistente administrativa	39 anos, negra, casada, possui 2 filhos (as), com idades 11 e 2 anos e meio. Teve seu primeiro filho(a) aos 27 anos. Renda familiar mensal 3 a 4 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e o esposo que cuida do(as) filho(as) para vir à faculdade.
Ângela	Vendedora	28 anos, parda, solteira, possui 1 filho (a) com idade de 4 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 24 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Possui rede de apoio e seus pais que cuidam do(a) filho(a) para vir à faculdade.
Joana	Diarista	25 anos, parda, solteira, possui 1 filho (a) com idade de 3 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 21 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Possui rede de apoio e alguém que cuida do(a) filho(a) para vir à faculdade.
Simone	Estudante	20 anos, negra, união estável, possui 1 filho (a) com idade de 10 meses. Teve seu primeiro filho(a) aos 19 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Possui rede de apoio e esposo que cuida do(a) filho(a) para vir à faculdade.
Clara	Financeira	23 anos, negra, casada, possui 1 filho(a) com idade de 3 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 20 anos. Renda familiar mensal 3 a 4 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e esposo que cuida do(a) filho(a) para vir à faculdade.
Marie	Dona de casa	50 anos, parda, casada, possui 4 filhos (as), com idades 28, 27,18 e 11 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 19 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e esposo que cuida dos(as) filhos(as) para vir à faculdade.
Lélia	Tabeliã e registradora civil substituta	33 anos, negra, casada, possui 1 filho (a) com idade de 8 meses. Teve seu primeiro filho(a) aos 32 anos. Renda familiar mensal 3 a 4 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e esposo que cuida do(a) filho (a) para vir à faculdade.
Cláudia	Auxiliar administrativa	36 anos, negra, casada, possui 2 filhos (as), com idades 17 e 15 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 18 anos. Renda familiar mensal 3 a 4 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e não tem ninguém para cuida dos (as) filhos (as) para vir à faculdade.
Bertha	Frentista	31 anos, parda, casada, possui 1 filho (a) com idade de 6 anos. Teve seu primeiro filho(a) aos 25 anos. Renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Não possui rede de apoio e alguém que cuida do(a) filho(a) para vir à faculdade.
Nise	Caixa	22 anos, branca, solteira, possui 1 filho (a) com idade de 1 ano e 9 meses. Teve seu primeiro filho(a) aos 20 anos, possui renda familiar mensal 0 a 2 salários-mínimos. Possui rede de apoio e esposo que cuida do(a) filho (a) para vir à faculdade.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Há representatividade significativa de mulheres negras, isso pode contrariar a ideia preconcebida de que as mulheres negras tivessem menos acesso à educação superior, pois esse dado sugere um avanço no acesso dessas mulheres no ambiente universitário. A maioria das entrevistadas possui apenas 1 filho, no entanto destaca-se que a maternidade pode ocorrer em diferentes fases da vida, influenciando nas respectivas situações individuais. Não há intenção de generalizar estas informações porque é compreendido que com estes dados não é possível estender as análises.

A diversidade de profissões revela quantidade de experiências e habilidades das estudantes. Em se tratando da renda familiar mensal, 55,6% têm a renda de 0 a 2 salários-mínimos; 27,8%, de 3 a 4 salários-mínimos; 11,1%, de 4 a 5 salários-mínimos; e, apenas 5,6%, mais de 5 salários-mínimos.

Conforme descrito no Quadro 1, um perfil social pôde ser constatado: variação geracional (entre 20 e 50 anos) das participantes; maioria com identidade étnico-racial negra; número de filhos entre no mínimo 1 e máximo de 4; a faixa-etária entre 18 e 32 anos. Apesar de ocorrer uma pluralidade no que tange as áreas de atuação profissional, a ocupação “dona de casa” se encontra presente de forma significativa. Isso é refletido na renda média, que vai de 0 a 2 salários-mínimos e de não possuírem uma rede de apoio.

Tais dados sublinham a importância contínua de apoiar e promover a inclusão de grupos historicamente marginalizados no contexto acadêmico, pois não apenas enriquece a diversidade educacional, mas também contribui para uma sociedade mais justa e equitativa. O progresso alcançado até agora é promissor, mas ainda há mais trabalho a ser feito para garantir que todas as mulheres, independentemente de sua raça ou situação, tenham igualdade de oportunidades na busca pela educação superior.

Para a análise de dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo, ressalta-se que a pesquisa foi executada com bases na metodologia proposta por Silva e Fossá (2015) e que as categorias narrativas de análises surgiram a partir dos dados coletadas com as participantes no GF.

ANÁLISES DOS RESULTADOS

Ressalta-se que, apesar do progresso educacional em relação ao acesso ao ensino superior no interior do Brasil, a questão salarial ainda requer atenção, isto pode dificultar a capacidade de arcar com os custos para o cuidado dos filhos durante o horário das aulas, especialmente para aquelas que não têm familiares disponíveis para auxiliar. A partir deste contexto preambular das análises será discutido as cinco categorias oriundas do GF: 1) Desafios; 2) Desistência do curso; 3) Orgulho de fazer a Universidade; 4) Rede de Apoio; e 5) Políticas Públicas.

Desafios

A conquista do direito à educação e a entrada das mulheres no ambiente acadêmico representam um marco significativo. As vitórias no campo educacional transcenderam meros dados e estatísticas. Elas representam uma batalha contínua das mulheres pela igualdade de oportunidades e pela valorização de seus talentos intelectuais (FERNANDES, 2019).

Eu, quando me casei com meu marido, tinha 14 anos. Quando eu entrei para estudar numa escola, tinha 12 anos para fazer a primeira série, porque naquela época a gente não estudava. Os pais preferiam deixar a gente trabalhando, que é estudar. Quando eu me casei com meu marido, eu não tinha estudo. Sim, tinha. Acho que a quarta série, aí eu comecei, aí eu. [...] não tinha perspectiva de estudar, de querer, não é? Então eu foquei mais em ficar em casa depois de 3 anos, engravidei do meu primeiro filho, aí eu comecei a querer voltar para a escola, aí foi aonde eu comecei a estudar de novo, a fazer seriado na quinta série com o meu filho pequeno (Anne).

Contudo, mesmo que as mulheres tenham feito progressos significativos, as mães que buscam educação superior ainda enfrentam desafios únicos. O período dedicado aos estudos universitários coincide frequentemente com outras etapas da vida, incluindo mudanças nas dinâmicas familiares. É necessário resgatar o que discute Guimarães *et. al.* (2023) sobre as mães terem de ser várias pessoas ao mesmo tempo e o que isso acarreta na vida, sobre como a conciliação dos compromissos familiares com as demandas acadêmicas pode ser uma tarefa complexa. Sobre essa realidade, a Marie afirmou:

O meu maior desafio é como quem diz assim, a gente é dona de casa, [...] a gente é tudo, então a gente tem que se repartir em dez. Pois então eu voltei para a faculdade, optei por voltar a estudar porque eu passava mais tempo dentro de casa. Sendo tudo isso e na realidade eu não era nada, né? Porque a gente passa a viver a vida dos outros, então a faculdade, ela trouxe o modo da gente viver a nossos passos. É cansativo, é? Dá vontade de desistir? Dá, tem dias que a gente não tem ânimo de vim, tem dia que tem os professores que ama a gente nós dá monte de coisa. Eles querem dar tudo num dia só tem, mas são, tudo isso são desafios que a gente vem há pôr na meta na vida da gente, pra gente poder se desenvolver mais (Marie).

Como mencionado anteriormente, tem-se a sensação que a mulher tem que dar conta de tudo, sendo uma só pessoa. Elizabeth confirma isso em suas palavras:

Tenho 39 anos, sempre tive sonho de fazer faculdade, como as outras candidatas, falou, a gente é 10 em forma de 1, [...] a faculdade como objetivo, né? O objetivo de vida, de mudança de qualidade, de vida, de exemplo para eles. A maior dificuldade que eu tenho hoje é dividir. O tempo, o pouco tempo com eles, eu tenho um neném de

2 anos e meio que suga muito, nessa fase, é uma fase de reviravolta, e tenho uma que está entrando na adolescência, esse mês faz 12 anos (Elizabeth).

Os vários papéis atribuídos as mulheres levam para discursões sobre a tripla jornada de trabalho. As mulheres que lidam com essa jornada enfrentam, frequentemente, várias responsabilidades, o que pode ter um impacto significativo em sua saúde física e emocional. Além disso, essa sobrecarga pode limitar as oportunidades de educação, desenvolvimento profissional, além de não poderem usufruir de uma vida social ativa, uma vez que o tempo e a energia disponíveis são, muitas vezes, direcionados às demandas para atividades no papel de ser companheira, mãe, estudante e profissional. A entrevistada Tarsila retrata um pouco de sua jornada no cotidiano:

Todo dia eu falo, a vontade de desisti, é grande e tudo isso, trabalhar de tudo. Todo, dia eu acordo morta de cansada. E vou trabalhar. O trabalho já 6 anos na mesma empresa. Assim é o serviço. É tranquilo sim, né? O trabalho vender seguros, passo o dia inteiro vendendo seguros, conversando com o cliente, negociando seguro, vendendo e trabalhando. Não é, não é um trabalho assim que me cansa muito, assim fisicamente né, mas psicologicamente cansa. É estressante, eu chego em casa cansada, vontade, vontade de não vir para cá? Mas eu venho, aí as vezes as crianças, incomoda e estresse, sabe? A neném ainda mama no peito ainda. Aí sim, eu vejo que algumas pessoas assim, crítica ainda, sabe? Não reconhece em todo o esforço que a gente faz, hoje eu não estou casado, estou sozinha. Então, assim. É três filhos pra mim, cuidar para mim, levar a escola, buscar trabalhar, estudar. Não é fácil, e eu não sou uma pessoa estudiosa, assim que eu estudo que eu faço trabalho, não, sabe eu vou empurrar com a barriga mesmo assim (Tarsila).

Hays (1996) destaca que a maternidade é frequentemente acompanhada de desafios emocionais, psicológicos e sociais. As mulheres enfrentam expectativas sociais contraditórias, nas quais são pressionadas a serem mães exemplares, o que muitas vezes entra em conflito com suas próprias aspirações pessoais e profissionais. Dessa forma, a vivência da maternidade pode ser caracterizada por conflitos internos, pressões externas e julgamentos sociais. Tarsila destaca os desafios e pressões que enfrentam tanto no trabalho quanto na faculdade. Sua filha mais velha depende dela para tomar certas decisões, o que exige grande parte de sua atenção.

O maior desafio a gente não desistir, tá? As vezes tô aqui na faculdade e minha menina fica o tempo todo mandando mensagem, mãe vai demorar, mãe, Rachel está chorando, mãe, Rachel não quer comer a mãe, mãe esse menino não para deu encher o saco. Aí você não consegue assim. É, eu tive uma prova agora esses dias que era com consulta. Falei, Fernanda, não manda mensagens. Só se fosse muito urgente, pois assim de emergência. Se você tira a minha atenção. Eu não consigo prestar atenção na aula, até no trabalho, sabe? Ela tem que o tempo todo me mandando mensagem que ela está me chamada de vídeo. É patroa. Tá lá, não posso ficar atendendo (Tarsila).

Situações como essa vivenciada por Tarsila, reflete a realidade de muitas outras mulheres que não possuem uma rede de apoio e os acúmulos de atividades englobam uma variedade de responsabilidades, incluindo a natureza familiar, a profissional e a social, que muitas mulheres enfrentam no dia a dia. O psicológico é impactado por uma ampla gama de responsabilidades que recaem sobre uma mulher. Nesse sentido, Cláudia relata como a pressão acaba afetando sua saúde mental.

Nessa questão do psicológico é uma coisa que pega muita gente, porque é você é. Conciliar o trabalho, a casa, filho, eu sou casada, o esposo, então aí quando chega assim à faculdade, aí já vem uma outra coisa, que pra gente, aí fica complicado, pra gente dá conta e quando junta tudo isso, pelo menos pra mim, assim é me estressa muito [...] (Cláudia).

Essa culpa de que as mães costumam sentir pode ser extremamente pesada e difícil de suportar. Surge de diversas fontes, desde a preocupação com o bem-estar e o desenvolvimento dos filhos além da busca por realização pessoal e profissional. Muitas vezes, as expectativas sociais e autoimpostas pesam sobre as mães, levando-as a se questionarem se estão fazendo o suficiente ou se estão agindo da maneira certa. Dessa, Lélia conta o sentimento de culpa ao deixar seu filho em tempo integral na creche para poder conciliar trabalho e estudos:

Eu também me sinto muito culpada pelo meu bebê tem 8 meses. É o meu primeiro filho e eu decidi colocar ele na creche meio período e a cuidar dele à tarde, e à noite a faculdade eu estou concluindo a faculdade, fazendo TCC, e algumas matérias que eu deixei para trás. Só que não estava dando certo eu trabalhar meio período, cuidar dele, fazer o TCC estudando. Então, aí eu decidi, a gente decidiu ir, meu marido. Por que a gente não tem família? Aqui só eu e ele, que ia deixar de o dia inteiro na Creche pra eu poder trabalhar meio período, e de tarde poder estudar (Lélia).

Essa carga emocional pode ser intensificada pela pressão de padrões inatingíveis e pela comparação com outras mães, alimenta um ciclo de autocobrança e autocrítica, Lélia, Elisabeth e Joana retratam que sentem culpa “por não conseguir chegar ao objetivo, por não conseguir realizar os 100% de nada”.

Eu acho que a maior dificuldade emocional é sentir culpa, né? Porque é a gente se fragmenta, todo dia, pelo trabalho, pelo marido, pelo filho, você não consegue executar nada 100% Simplesmente, a gente tenta, tenta não desistir a todo custo, com toda dificuldade que nós temos (Elisabeth).

A gente não está se doando completamente para cada coisa, né? A gente não tá se doando por inteiro pra faculdade, pra casa? pros filhos? Que nem eu, eu mesmo que moro com meu irmão, assim eu não consigo dar 100% de todos os dias, vai ter dias que eu vou conseguir levar tudo na boa, 100% sendo mãe, é faculdade, casas, mas tem dias que não, vou fazer pela metade, vou fazer, só aquilo, só aquilo que é necessário, eu só vou fazer aquilo que eu consigo, só, e só isso. No começo eu me estressava muito, então parei. Não, vou fazer só o necessário, né? Vou me doar esse dia, o que eu posso, e é isso (Joana).

Compreender que essa sensação de culpa por não alcançar os objetivos desejados pode ser atribuída, em parte, ao tempo prolongado dedicado ao curso sem concluí-lo. Isto evidencia a existência de flutuações no desempenho, marcadas por períodos de avanço seguidos de pausas e/ou regressões, ou que por sua vez resultaram em uma permanência prolongada na universidade. Essa situação pode gerar um peso emocional significativo e, por vezes, um sentimento de frustração ou inadequação. Além disso, surge a questão de quem deixa os filhos durante esse percurso. Ao longo dos anos, Rosa e Tarsila acompanharam suas jornadas em busca da conclusão da universidade, notando que o desempenho tende a diminuir ao tentar conciliar os estudos com a responsabilidade de cuidar de filhos pequenos:

Faz exatamente 11 anos que eu estou na faculdade. Não, aqui na Unir, né? Porque sou do estado de São Paulo [...] tinha uma faculdade daquela, começou as faculdades online. Olha, vou fazer, né? Não precisava deixar eles, porque eu ficava fazia só. Uma vez na semana, não é? E quando fazia deixar com o pai? Mas não deu. Certo, porque trabalha e eles eram era 2 muito pequenos, e. E eu sempre fui muito assim no trabalho (Rosa).

Na licença Maternidade é as aulas voltou presencial dia 22, depois da pandemia, E eu ganhei neném, dia 18. Ai eu não tinha como volta, aí falaram, há você vai ter a licença de 3 meses, né? Aí eu fui lá no meu e-mail, menina! trabalho, trabalho, trabalho, tanta

coisa eu falei, não, não eu não vou fazer! Minha filha acabou de nascer, eu tenho uma neném, ai eu não fiz, o semestre eu não tranquei, eu me matriculei em tudo, mais não fiz, então eu reprovei (Tarsila)!

As mulheres encontram barreiras e desafios ao cursarem uma universidade. A vida acadêmica gera uma mudança na rotina das mães que a querem e, ao mesmo tempo, assumem os cuidados do lar, dos filhos, do esposo e, ainda, muitas vezes exercem atividades remuneradas, tudo em conciliação. O acúmulo de diversas responsabilidades e a impossibilidade de se dedicar completamente a cada uma delas, gera sentimento de frustração, a culpa, o desânimo e até o desejo de desistir. Enquanto não conseguem encontrar uma maneira de equilibrar todas as tarefas, seu desempenho na faculdade acaba sendo prejudicado.

Desistência do curso

A experiência da maternidade para mulheres que estão construindo uma carreira no meio acadêmico apresenta diversos desafios, especialmente em relação ao preconceito de gênero e à complexa tarefa de equilibrar a vida materna com a vida acadêmica. Joana descreveu o quanto foi desafiador para ela ingressar na universidade, já que precisava encontrar alguém para cuidar de sua filha. Essa situação a fez ponderar a desistência.

A é desafiador, né? Nas primeiras semanas, quando entrei no curso, a pior dificuldade em vim para a faculdade era ter com quem deixar minha filha, né? Porque ela não tinha 2 aninhos quando eu entrei aqui, então era bem difícil, ela era muito pequena, complicado. Daí o, mas meu motivo de tentar e não desisti do curso por causa dela, né? Por quê? Para persistir por causa dela e desistir também foi porque eu passo muito tempo fora de casa ali, e agora também. Passo a noite também fora de casa. E é complicado, não é fácil! (Joana).

Durante séculos, a sociedade designou às mulheres o papel central de provedoras de cuidado, mantendo a expectativa de que a maternidade seria uma conquista de suma importância (PESSANHA, 2023). Contudo, essa expectativa frequentemente entrou em conflito com a busca das mulheres por uma identidade independente e por uma perspectiva além do círculo familiar. Dessa forma, Elisabeth enfatiza que, apesar da sobrecarga, o objetivo de todos é completar a formação.

Vou colocar assim, nós não somos coitadas, somos cansadas, é diferente, por que cada um tem um objetivo, [...], porque o objetivo, acho que de todas, e se formarem, mesmo que demora 15 anos. 20 anos, 10 anos é não desistir. por que o que é mais fácil para a gente desistir é da faculdade? sim, porque é uma coisa que você pode ir lá e trancar, por que a gente não pode desistir de um filho, Você não pode parar de trabalhar porque ele depende, né? O marido ainda nós podemos até desistir? mais ainda seria a segunda opção, dependendo do marido, ainda seria a segunda opção, a primeira seria a faculdade, porque mesmo que eles ajudam, ou não ajude nas coisas ainda é o pai de nossos filhos, e quem aqui é casado? Sabe o que a gente suporta, ou não suporta, sabe o que a gente vive, e deixa de viver, dentro de um casamento, e não é fácil! [...] Mas repito, de novo nós não somos coitadas nós somos cansadas. Porque é, é, é difícil, é muito difícil (Elisabeth).

A maternidade reconfigura o panorama de uma vida meticulosamente construída com esforço e dedicação, trazendo uma nova realidade. Essas transformações exercem um impacto direto na vida da mulher (PETKOWICZ, *ET. AL.*, 2022) demandando uma infraestrutura familiar bem-organizada para garantir o equilíbrio em sua própria vida. Valentina afirma em suas palavras que está finalizando o curso e possui uma rede de apoio que a ajuda a não abandonar:

[...] Se eu fosse falar assim, se tivesse o início da faculdade, eu literalmente tinha abandonado o barco, já faz é tempo, por que é o que vem na cabeça de abandonar é

faculdade, não tem. Eu já tenho uma graduação, sou formada em ciências contábeis, iniciei aqui na UNIR em 2020, só que eu, por que eu optei pela segunda faculdade? porque eu não identifiquei com ciências contábeis, não me identifiquei. Com a profissão? Já administração, eu me identifico e quero dá sequência na carreira, né? Mas eu só vejo assim que isso está acontecendo, isso só está concretizando, porque eu tive rede de apoio (Valentina).

Além da carga de trabalho diária, que por si só é desafiadora, várias outras questões podem influenciar uma mãe universitária a ponderar sobre a desistência. Pode incluir situações familiares complexas como problemas conjugais, pressões financeiras, falta de uma rede apoio, problemas de saúde dos filhos que exigem uma atenção adicional. Todas essas demandas extras podem somar-se ao já desafiador equilíbrio entre maternidade e vida acadêmica, tornando a decisão de prosseguir na universidade uma tarefa ainda mais árdua. Ângela compartilha um pouco sobre sua situação familiar, na qual retrata uma realidade do que muitos filhos sentem pela ausência da mãe, gerando na mulher um desconforto emocional pela situação ao ponto de se questionar do que esteja fazendo seja certo, mesmo tendo a noção que, apenas está buscando o melhor para ela e os filhos.

[...] A maior dificuldade com a minha filha, ela agora. Tem uma dupla personalidade, porque sentir minha falta. Como tenho que trabalhar de manhã ela fica na escola, de tarde ela vai para babá, de noite ela fica com a minha mãe, então a cada lugar que ela tá, a cada lugar que ela tá ela age diferente [...] até na babá é do mesmo jeito, ela que pegar as crianças, ela quer cuidar. Parece que as ações, eu sentindo dela quer cuidar qualquer criança que ela tem perto, ela quer cuidar daquela criança e o eu percebo que ela sinta essa falta de cuidado e por isso ela está com dupla personalidade [...] é bem complicada a situação assim com ela, por causa de, poderia até chamar de Transtorno, né? De bipolaridade. Eu tenho até medo de levar já no psicólogo e tudo isso piorar, por que vivo numa correria. Aí eu vivo pensando em sair da faculdade, vivo pensando em sair do trabalho. Eu saio! Se eu levar e ver alguma coisa diferente nela, eu desisto (Ângela).

Apesar do aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, na sociedade atual, persiste a ideia de que devem dar prioridade à família, à maternidade e às responsabilidades domésticas (NARDES; GALLON; RECH, 2022). Diante da sobrecarga que a maternidade traz, às vezes é tentador desistir dos sonhos para estar com os filhos.

Mães universitárias pensam ou até mesmo desistem da faculdade por uma série de motivos, como conflito de tempo, de estudo, de filhos e de trabalho, a falta de apoio da família, não ter com quem deixar os filhos, sobrecarga emocional do trabalho e das atividades acadêmicas, problemas de saúde e do psicológico. O pensamento muitas vezes é abandonar os estudos em nome dos filhos, mas ao mesmo tempo, elas se mantêm firmes na decisão de seguir em frente. pois sabem que, ao concluir a graduação, poderão proporcionar vida melhor e servir de exemplo e fonte de orgulho para seus filhos.

O orgulho de fazer a Universidade

O estudo não apenas transforma suas próprias vidas, mas também influencia determinadas pessoas ao seu redor. Margaret encontra em sua filha uma fonte de inspiração poderosa para perseverar e concluir seus estudos:

[...] Eu dei entrada agora depois dos quarentas, porque eu tive agora, a oportunidade de ingressar na faculdade através das notas do ensino médio, porque na minha época eu nunca. Eu nunca via. Como é que se diz? a possibilidade de fazer o vestibular para universidade federal. Entanto, no ano passado eu consegui entrar, eu abrir mão do emprego em dezembro para poder somente me dedicar à faculdade. Por esse fato, tipo assim, não tem apoio da família, não ter apoio do marido. Como é que se diz a minha

inspiração é a minha filha, porque ela pergunta pra mim, mãe quando você terminar sua faculdade e pretendo trabalhar de que? ela me pergunta, qual é a faculdade que eu faço, né? Então, tipo assim, nos olhos dela é uma. É o mercado de trabalho bem mais visto. Como é que se diz a minha inspiração é somente ela, porque apoio não tenho (Margareth).

Assim como Margareth, Elizabeth retrata a dificuldade na época dela, de ter acesso ao vestibular e à universidade:

Eu tenho quase 40 anos, e a nossa época federal não existia para pobre, né? Vamos colocar aí. Federal não existia para o pobre, vestibular era uma loucura, você só podia fazer vestibular? filho de rico, federal era pra filho de rico, e você eu ter isso. meu maior orgulho de colocar lá que faço. Sou acadêmica da unir [...] (Elizabeth).

O desejo de fazer uma faculdade, ter uma graduação se torna mais presente em fases da vida em que muitas mulheres refletem por tudo que já vivenciou, Anne compartilha um pouco de sua trajetória em busca da educação.

[...]eu não vou desistir porque eu tinha vontade de ter um diploma, de fazer uma faculdade, de ter alguém. É de ter alguma coisa, falar não, esse é meu mérito e ninguém vai tirar de mim, porque foi eu que consegui isso. E por eu vir de uma família que nunca se preocupou em estudo, de dar de você ter os seus filhos na escola e tudo porque nós somos em 8 em outros irmãos, só eu e meu outro irmão que tem um curso que está fazendo um curso superior. Os outros 6, tem só ensino fundamental [...] mas hoje em dia eu tenho um filho de 20 anos, tem um de 18, tem um de 14, e eu me e ele sente tanto orgulho de mim, de eu estar estudando, deu vindo aonde eu vim eu ter conseguido estudar, entendeu? Eu ter conseguido terminar minha meu, meu ensino fundamental, meu ensino médio, entendeu? Então, querendo ou não para a gente é gratificante, é uma vitória muito grande para a gente também. É para eles também. Porque eu acho que para eles também, eles podem. A gente incentiva a eles e eles vai crescendo, vê essas, incentiva, são para eles. É um incentivo a mais também (Anne).

A educação é essencial por diversas razões que impactam não apenas o indivíduo, mas também a sociedade em geral. As pessoas com maior nível de educação geralmente têm acesso a oportunidades de empregos melhores remunerados. A educação amplia as perspectivas de carreira, proporciona o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais, o que vai ao encontro do que Rosa afirma:

[...] a minha mãe tem o terceiro ano, mas o meu pai é terceira série [...]. Aí quando eu estava com 17 anos, eu estava na no ensino médio, terceiro ano, aí eu estava naquela. Pira de passar em vestibular, não sei quê e eu? Eu me dediquei o máximo, porque a universidade lá federal tinha matemática, psicologia, essas coisas. E eu queria entrar em qualquer um, entendeu? Para mim conseguir um emprego melhor pra mim [...] (Rosa).

A formação acadêmica, para mães universitárias, não apenas traz benefícios tangíveis, mas também instila um profundo sentimento de orgulho, demonstrando sua capacidade e representando uma conquista valiosa em sua jornada. Além disso, essa conquista educacional é uma fonte de inspiração para os filhos, que podem se orgulhar do exemplo de determinação e superação proporcionado por suas mães. A formação acadêmica não apenas beneficia diretamente a mãe, mas também cria um legado de valor e inspiração para as gerações futuras. Marie afirma o quanto é gratificante os filhos se mostrarem orgulhosos por ela estar cursando uma faculdade. Marie continua expressando sua satisfação.

Então a gente faz tanto, a gente faz, a gente se priva das coisas não é, tem nossos desafios, nossas estratégias. Não é fácil [...] mas é tão gratificante, gente, a gente que é mãe, que vê o filho. Falar assim, a minha mãe faz faculdade. É muito gostoso, meu

filho de 18 anos. Eu saio daqui pego ele na escola, daí eu conheço todos os amigos dele. [...], meu terceiro filho e é muito gratificante ele falar na frente dos amigos dele: “A minha mãe faz faculdade, a minha mãe, estuda na unir”. Porque ainda mais lá fora, para pessoas lá de fora, você falar que você estuda numa faculdade federal é tem um peso muito grande nas costas. [...] eu passei um mês em São Paulo [...] e na hora de embora a turma falava. “Assim vai, minha amiga de Rondônia, essa minha amiga estuda na Universidade Federal de Rondônia”, gente pro ego da gente, parece que para todos os desafios lá fora. É muito gostoso. É muito gratificante, então tudo as estratégias, é os desafios da gente. Tudo, tudo tem no final da história. Tudo tem a sua vitória (Marie).

Pelo ponto de vista histórico em que anos atrás, não tinham direito nem de estudar e, ao longo do tempo muitas mulheres viviam numa estrutura social que suas responsabilidades seriam ser mãe, esposa e dona de casa atualmente cursar e concluir um curso de graduação em Universidade, apesar de todos desafios e dificuldades que ainda se tem representa um símbolo de orgulho para essas mulheres, engrandecimento e reconhecimento pessoal do quanto elas são capazes e mostrando aos seus familiares que é uma conquista para todos, que ajudaram, apoiaram e incentivaram. É necessário reconhecer também o papel de importantes políticas públicas como o Programa de Apoio e Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) que ampliou as vagas nas universidades federais, até mesmo porque o curso investigado é parte desta política pública, também de propostas e ampliação de políticas de assistência estudantil bem como das Cotas Raciais.

Rede de apoio

No cenário em que essas mulheres se encontram cabe refletir que estamos tratando de realidades diferentes e que embora seja difícil, equilibrar as responsabilidades de ser mãe, esposa, dona de casa e universitária não é uma tarefa impossível. Muitas pessoas encontraram maneiras criativas de gerenciar essas demandas, como estabelecer prioridades claras, delegar tarefas quando possível e buscar apoio da rede de apoio, como parceiros, familiares e amigos. Clara e Valentina relatam que:

Desde gravidez, faculdade para mim, foi tudo junto. Tudo ao mesmo tempo. Tanto que eu tive de trancar o Primeiro período, porque eu. Não, não consigo conciliar, né? E. Só, que agora sim, depois eu, depois que eu voltei, eu percebi sim que. Eu vejo as meninas comentando, então, e como que. É uma dificuldade, mas para mim, ainda, eu só tenho uma facilidade, porque o meu esposo, ele é muito companheiro. É por isso que eu consegui conciliar, consigo fazer minhas atividades, porque se não tivesse ele, porque tipo assim a gente faz tudo (Clara).

[...] é uma sobrecarga gigantesca, de você trabalhar, mas meu marido, assim, a minha rede de apoio, se eu não tivesse essa rede de apoio do meu esposo, eu não faria. Metade das coisas que tinha que fazer. Principalmente dele, por ele ser pequeno e ele querer muito a minha atenção (Valentina).

Algumas realidades nos apresentam que independentemente da mulher compartilhar a vida com o pai da criança, o suporte da sua família desempenha um papel fundamental nessa etapa, proporcionando um ambiente de apoio emocional, auxiliando nas responsabilidades cotidianas e promovendo uma segurança financeira, permitindo à mãe uma transição mais suave para uma maternidade. Joana e Catarina depõem que:

No meu caso, quem é a minha rede de apoio, aqui é o meu irmão. E quando ele não pode olhar ela, eu não venho, por quê? é muito longe, e ela ainda é muito pequena para me trazer ela de moto, então acaba que eu falto, né? E todas as vezes que eu falto é por motivo relacionado à filho, né? Porque eu não posso trazê-la, poder eu posso, né? e deixar sozinha. É complicado. Não é que a gente depende de outras pessoas, né?

Porque eu já pago babá durante o dia, tem que pagar babá durante a noite, daí eu teria que trabalhar dobrado ainda para fazer isso, então. Como eu tenho meu irmão, graças a Deus ele é bem, ele que ajuda em tudo, então ele fica com ela pra mim (Joana).

[...] É um desafio muito grande, mas eu tenho uma rede de apoio muito grande, que me ajuda, que me incentiva, que são a minha família, minha mãe, minhas irmãs. Então, se eu precisar estar sempre disposto a me. Ajudar? Então a gente precisa de uma rede de apoio, isso é esse é essencial para a gente não desistir da faculdade, porque se não tiver (Catarina).

A rede de apoio formada por familiares, de pessoas próximas e colegas de classe desempenha um papel crucial na jornada universitária. Ele pode criar um ambiente encorajador, promover a colaboração e proporcionar um senso de pertencimento. Quando os colegas se apoiam mutuamente, isso facilita a superação de desafios acadêmicos e pessoais, promovendo um ambiente propício ao aprendizado e ao crescimento. Para Cláudia, os colegas de sala são essenciais para a sua permanência no curso.

[...] E então, assim, uma coisa também que me ajudou muito, eu chego, eu falo para os meus colegas, eu tenho 3 colegas, que são um pouco mais achegados, a eles, eu falo assim “há, eu vou desistir”. Aí eles falam assim, não, eles motivam, né? Eles vêm de fora, então eles chegam ali, então é uma coisa assim, se eu não venho na aula, eles me mandam mensagem, você, não veio? cadê a Cláudia? vocês conhecem a Cláudia? Aí eles começam a brincar, e fala amanhã eu quero você aqui! então é uma coisa que me ajuda muito. Eles me ajudam em trabalho. A Elisabeth já me ajudou em trabalho, então assim, uma das coisas, eu não sei se vai estar nas perguntas ou não, mas O que me motiva muitas vezes assim a não desistir é por mim mesmo e esse apoio dos meus colegas, pelo motivo de me ajudar nos trabalhos, de me incentivar a vim para faculdade. Como ela falou, não é fácil, vim, mas aí com essa ajuda também nós motivamos a vim, e está aqui (Cláudia).

A ausência de uma rede de apoio durante a maternidade pode causar uma série de desafios e dificuldades para a mulher, sobrecarga emocional e física, impacto na saúde mental, isolamento social, autoestima e confiança. Portanto, uma rede de apoio sólida desempenha um papel crucial no apoio emocional, físico e prático para as mães durante o período da maternidade. Nesse sentido, Simone relata:

A minha experiencia na gestação foi um pouquinho traumática, pra falar a verdade são tudo, traumas do passado, né? A rede, de apoio é perfeita, tenho minha Sogra, meu marido. Eu sou casada a 6 anos, por isso, por incrível que pareça, né? A minha mãe me expulsou de casa, eu tinha 14. Anos e a minha mãe é o motivo dos meus traumas hoje em dia, por quê? Ela não teve rede de apoio e ficava tudo sobre a minha responsabilidade, 3 anos cuidava do meu irmão de 1 ano, amadureci muito rápido, muito cedo. Passei até problemas psicológicas muito cedo (Simone).

A rede de apoio desempenha um papel fundamental na vida das mães universitárias. Ter o apoio de familiares, colegas de universidade ou da própria instituição de ensino faz uma diferença significativa. Muitas vezes, sentem-se sobrecarregadas por múltiplas responsabilidades. No entanto, ao receber gestos, palavras de encorajamento e ajuda, tanto por parte dos colegas de faculdade quanto da própria universidade (com medidas de apoio específicas para essas mães), sentem o alívio do fardo e torna a jornada acadêmica mais leve.

Políticas Públicas

A universidade desempenha um papel crucial ao oferecer suporte e recursos para ajudar as mães a superarem os desafios e continuarem sua jornada acadêmica. Ela pode implementar políticas e programas de apoio específicos. Elisabeth discute que:

Que promover mais situações, igual essa daqui, para a gente pode descontraír, aliviar, eu acho que é muito válido, né? Para abrir uma creche, Dentro da Unir, seria o ideal! Mas eu acho isso, é impossível, não é impossível, mas é muito difícil, porque assim vai ficar longe, é porque a gestão pública, né? Então, vai depender de licitação, de coisa né, tem o curso de pedagogia, igual a Tarsila falou, a pedagogia já podia, começava por aqui, com projetos. É, é assim. Não me vem na cabeça, é? Um projeto fixo, mas é. A única forma de ajudar a gente a trazer. Porque se pudesse, né, ter essa. Viabilidade dos nossos filhos e a faculdade. É poder trazer. Tranquilo a hora que não tiver ninguém para ficar. Aí tem alguém. Pra ficar, né? Alguém deu uma rede de apoio para ficar? É dentro da universidade e a promover uma rede de apoio. O meu ponto de vista, sim, ideal seria o. Espaço mesmo para que as Crianças ficassem (Elisabeth).

A abertura de creches no campus, horários flexíveis e opções de ensino à distância, promoveria uma cultura inclusiva e sensível às necessidades das mães que é fundamental, criando assim um ambiente que valorize a diversidade de experiências e trajetórias das estudantes. Anne, durante o grupo focal, faz a seguinte explanação e cobrança: “Eu acho assim que a gente já tem um espaço que a brinquedoteca. Porque não ajudar as mães e colocar uma monitora já que tem um espaço ali. Seria muito válido e ajudaria muita gente, [...]. Se já tem um espaço, tem já tem uma pessoa ali, seria muito válido” (Anne).

As mães enfrentam dificuldades ao terem que trazer seus filhos para a faculdade, muitas vezes devido ao trabalho de seus cônjuges durante o horário de aula, a falta de alguém para cuidar das crianças, entre outras razões. Isso pode interferir no processo de aprendizagem, pois as mães precisam se dividir entre as demandas acadêmicas e as necessidades dos filhos, como brincar ou correr pela sala e corredores da universidade entre outros. “Eu não consigo prestar atenção, eu não consigo prestar atenção na aula quando, porque ela fica aí no banheiro, quer tomar água e atenção, medo da gente dele sair lá. Fora, é muito grande.” (Margareth). “Passar menos trabalho, aulas a nove, professor mais consciente, libera mais cedo.” (participantes em conjunto).

O acesso a aconselhamento psicológico e orientação acadêmica também pode ser crucial para oferecer o suporte emocional e prático necessário para conciliar a maternidade com os estudos. Dessa forma, a universidade pode se tornar um espaço verdadeiramente inclusivo e empoderado para as mães universitárias. Elisabeth sugere políticas públicas para universidade:

a brinquedoteca, ela pertence ao curso pedagogia, é? Então dessa forma o estado, talvez seja uma forma do estágio da pedagogia, poderia rever o PCC que poderia ser estágio, deveria focar nessas mães que estão aqui dentro, pegar as alunas de pedagogia e abrir. Outro, sei lá, alguma. Coisa isso, estágio remunerado e colocar pessoas, mães que trabalham numa noite que vivem pra faculdade à noite, muitas vezes não consegue deixar alguém no neném e pegar essa turma da tia pedagogia e aplicar aqui dentro mesmo porque você tem uma necessidade muito grande, né? E não se pensa apoio com maior, falou. Tem muito espaço, né? Acho que a pedagogia, não é só voltada, para cuidar de crianças, educação, não são babás, É um curso muito importante. Mas seria um começo, não é de uma evolução aí dentro da dentro da unir, né? E olhares mais atentos, porque ele é. Tem mais acesso? A uma psicóloga, né? vê hoje em mim, 2,3 horas. De conversa, o tanto que chorou no tantos que falou, o tanto que se desabafou, o Tanto que a gente viu, que minhas condições não são melhores e também não é pior do que a dela, né? Às vezes, é igual. Nem um pouco pior (Elisabeth).

As políticas públicas desempenham um papel crucial no contexto universitário, especialmente no que diz respeito à inclusão e ao apoio a grupos vulneráveis, como as mães estudantes. Elas podem abranger uma variedade de áreas, desde a concessão de bolsas de estudo e auxílios financeiros até a implementação de serviços de assistência à infância no campus. “Outra coisa é divulgar mais os auxílios creche, transporte, aumentar mais o valor que é muito pouco, trazer mais programas para as mães” (Elisabeth).

As políticas públicas são importantes para a universidade, que serve de ferramenta para implantação de mudanças progressivas, podendo buscar soluções para dar melhor acesso aos universitários. Dessa forma, é possível conquistar mais benefícios que ajudem as mães por meio de auxílios, acompanhamentos psicológicos, creche na universidade entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs analisar a trajetória acadêmica das mães estudantes da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no campus Vilhena, no curso de Administração. Com o GF buscou extrair das participantes as posições significativas sobre os desafios que enfrentam ao ingressar e ao permanecer no ambiente acadêmico, o apoio familiar e da universidade e os impactos na vida acadêmica e pessoal. Todas as mães que participaram da pesquisa compartilharam suas realidades transmitiram opiniões e suas emoções não apenas por meio de palavras, mas também por meio de gestos, expressões corporais, momentos de silêncio e, até mesmo, de lágrimas.

Foi possível perceber que diante das realidades vistas, todas as mães universitárias se encontram/encontraram em muitos desafios comuns ao cursar uma universidade, durante sua trajetória acadêmica foram relatados: a falta de apoio do esposo e de familiares, a dificuldade no trabalho remunerado, os afazeres domésticos, a abdicação do tempo com a família, as atividades e trabalhos da universidade, a pressão psicológica, o desgaste emocional, as dificuldades financeiras, a falta de motivação, as imposições da sociedade e a distância dos filhos traz sentimento de culpa e de incertezas. Mas, apesar de todos esses desafios, essas mulheres-mães percebem que estão fazendo algo que trará bons resultados no futuro, pois a universidade pode proporcionar crescimento pessoal, ajudando a se tornarem mais independentes, autoconfiantes, trabalharem em equipe, e, assim, dessa forma, trará uma qualidade de vida melhor, pois proporciona oportunidades de emprego com uma boa remuneração.

Quanto as políticas públicas, foi visto que a universidade poderia adotar algumas ações, pois elas cumprem um papel crucial para que essas mulheres tenham igualdade de oportunidade de educação e possam conciliar suas responsabilidades parentais com sucesso. Creches e espaços de cuidados infantis acessíveis no campus, apoio psicossocial, desenvolver plataformas online para acessar recursos educacionais, palestras gravadas e materiais de estudo, permitindo que as mães estudem ao estarem em licença maternidade além de criar um programa coletivo para possibilitar o surgimento de oportunidades para as mães universitárias se conectarem e compartilharem experiências, permitindo que construam redes de apoio entre si.

Outro ponto a ser destacado é em relação aos auxílios estudantis. A universidade já possui auxílios financeiros para os acadêmicos de uma forma geral, e o auxílio-creche especificamente para as acadêmicas com filhos. Entretanto, existe a limitação de idade e muitas vezes não abrangem as mães que tenham filhos maiores. Mesmo assim, não podem ficar só em casa. Poderia se criar outro auxílio para essa classe e aumentar a divulgação dos auxílios, pois muitas mães desconheciam a existência desses benefícios.

Esta pesquisa apresentou relatos de mães universitárias sobre os desafios enfrentados durante o curso de Administração do campus da UNIR. Embora tenha seu objetivo atingido, é importante destacar que algumas limitações estiveram presentes. O semestre limitado, por exemplo, restringiu o escopo da pesquisa no curso de Administração, deixando de fora outros cursos da universidade. Além disso, o grupo focal, apesar de importante, apresentou desafios em termos de participação equitativa. Algumas participantes se expressaram mais abundantemente, enquanto outras tiveram menos espaço para compartilhar as suas experiências.

Essas considerações, no entanto, não diminuem a relevância do trabalho e de aprendizados obtidos. As vozes das mães universitárias do curso de Administração oferecem perspectivas inovadoras sobre os desafios e triunfos que enfrentam ao conciliar a maternidade

com os estudos. Espera-se que este estudo contribua para uma compreensão mais abrangente dessa realidade e, possivelmente, inspire futuras pesquisas que ampliem ainda mais esse conhecimento, abordando mais áreas de estudo, cursos da universidade e métodos de coleta de dados.

Vale ressaltar a importância das vozes das pessoas que estão à margem dentro da academia. Ao fazer isso, busca-se promover uma educação mais inclusiva e equitativa, que leve em consideração as complexidades e os desafios enfrentados apenas pelas mães que buscam aprimorar sua formação estudantil. Os resultados aqui obtidos podem ser um pequeno passo em direção a um ambiente acadêmico mais acolhedor e favorável para todas as mulheres que buscam equilibrar a maternidade e a vida acadêmica.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; WAISELFISZ, J. J. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?** Brasília-DF: Flacso-Brasil, OEI, MEC, 2015.

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, 2009.

COSTA, M. V. C. O fortalecimento do patriarcado e a desvalorização do trabalho de cuidado no capitalismo. **Serv. Soc. Soc.**, v. 146, n. 3, p. 1-21, 2023.

COSTA, J. L. S.; WALL, M. L.; PAIXÃO, T. T.; SILVA, M. V. R. S. Desafios da maternidade no período acadêmico: revisão integrativa. **Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.**, v. 11, n. 1, p. e6226, 2023.

DIEKMANN SHENKE; I. C.; SALLES, H. K.; BARCELLOS, R. M. R. Mães exaustas, pais nem tanto: dispositivo materno e a crise da Covid-19. **RPCA**, v. 17, n. 4, 2023.

FERNANDES, F. A história da educação feminina. **Multirio**, Rio de Janeiro, 7 mar. 2019.

GUIMARÃES, L. V.; OLTRAMARI A. P.; MACA, D.; FERRAZ, J. M.; OLIVEIRA, J. S.; SARAYED-DIN, L. F. L. Mulheres exaustas: sobre incômodos e o fazer ciência na contemporaneidade. **RAC**, v. 27, n. 5, 2023.

HAYS, S. **The Cultural Contradictions of Motherhood**. New Haven & London: Yale University Press, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

NARDES, L.; GALLON, S.; RECH, E. Os desafios enfrentados no desenvolvimento da carreira das mulheres de diferentes gerações. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 21, n. 2, p. 322-344, 2022.

NUNES, M. S.; GIVIGI, A. C. N. MATERNIDADE NEGRA E VIDA UNIVERSITÁRIA: A Ciranda bellhooks e as mulheres negras camponesas e a permanência no Mestrado Profissional em Educação do Campo. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, v. 57, p. 1-23, 2023.

PAULA, T. M. C. de; SANCHES, M. A.; ROSANELI, C. F. Maternidade solo: escolha ou condição. **Gênero**, v. 24, n. 2, p. 345-361, 2024.

PESSANHA, L. F. Entre livros e fraldas: dilemas e desafios da maternidade durante a graduação. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 1, p. 306-331, 2023.

PETKOWICZ, A. C.; LAZZARI, N. I.; GALLON, S.; NARDES, L. Carreira na maternidade: a percepção de mulheres de uma cidade no norte do estado do Rio Grande do Sul. **Gestão & Regionalidade**, v. 38, n. 115, p. 245-264, 2022.

PIRROLAS, O. A. C.; CORREIA, P. M. A. R. Profissão, família e educação – conciliação da tripla jornada: uma questão de políticas e práticas organizacionais ou uma questão de sexo? **Revista da FAE**, v. 23, n. 1, p. 7-22, 2020.

SILVA-JÚNIOR, A.; SILVA, P. O. M.; MESQUITA, J. M. C. As dimensões teórica e metodológica do grupo focal no contexto da pesquisa qualitativa. In: SOUZA, E. M. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: Edufes, 2014. p. 125-156.

SILVA, C. A.; CARMO, G.; CAPPELLE, M. C. A. Mães em *home office*: O desafio do trabalho e o cuidado dos filhos durante a pandemia da Covid-19. **Revista de Administração, Sociedade e Inovação**, v. 9, n. 2, p. 10-24, 2023.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v.17, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2015.

SOUZA, M. D.; FERRAZ, D. L. The (Un)productivity of Reproductive Work and the Woman's Exhaustion in Contemporary Times. **RAC**, v. 27, n.5, 2023.

VIEIRA, A. C.; SOUZA, P. B. M. de; ROCHA, D. S. da P. Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. **Revista Cocar**, v. 13, n. 25, p. 532–552, 2019.